

# O Potiguar

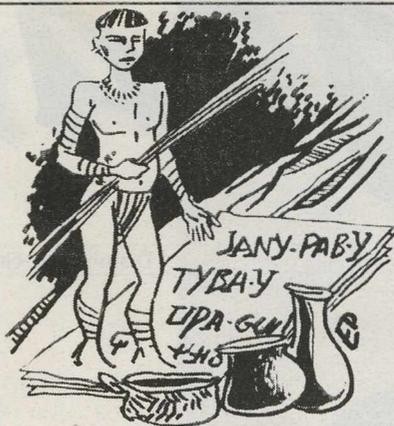
Ano III N° 17

Janeiro/Fevereiro 2000

Distribuição Gratuita



**Gothardo Neto**  
**Uma vida de poesia**



## CAIRTAIS

Rio de Janeiro, dezembro / 1999

Prezado Sr. João,

Em sendo Professor Universitário, e modesto pesquisador de cultura popular, gostaria (se possível) de participar da mala direta d'O Potiguar.

Fiquei interessado no nº 14 de Ago/Set 99, cuja a matéria da capa é destinada aos 400 anos de Natal.

Como escrevo em alguns jornais e revistas do Rio, poderei divulgar os trabalhos publicados e, posteriormente, enviá-los para o amigo. Participo como produtor de um programa na Rádio Carioca, de 2ª a 6ª Feira, das 16 às 17:30 horas.

Havendo possibilidade do atendimento agradeço, e me coloco ao seu dispor para o que se fizer necessário.

Com o abraço amigo e fraterno,

*Luis Fernando Vieira.*

Brasília, 1/2/2000

Prezado João Gothardo,

Fico-lhe muito grato pela remessa de diversos números de O Potiguar, publicação bonita, bem feita e onde colho excelentes colaborações suas e de outros escritores.

Estou levando os exemplares a reunião da ANE-Associação Nacional de Escritores, onde, decerto, os apreciarão como os apreciei.

Mando-lhe, por ora, o livro de minha mãe, Caminho de Estrelas.

Abraço cordial

*Anderson Braga Horta.*

Jundiaí - SP, 14/02/2000

Prezado Amigo; João Gothardo

Recebi os exemplares do jornal "O POTIGUAR", que você teve a gentileza de me enviar.

Muito obrigado pela lembrança. Para mim um grande presente, sobretudo por se referir a figura inesquecível e superior de L. C. Cascudo, que tanto admiramos.

O jornal está uma beleza. Sob todos os pontos de vista. Principalmente a colaboração. Quem financia? Como vocês conseguem mantê-lo? Parabéns a equipe: diretor, editor, desenhistas, colaboradores, etc. Gostaria de ter os números de 01 a 06 e os números 10, 11, 12, 13. Os demais vieram. Até o 16. Não conhecia o jornal, até agora. Como fazer para continuar recebendo? E quanto a colaborações espontâneas, artigos, etc. Qual o critério adotado?

Envio-lhe meu mais recente livro. Transmita a todos os confrades meu abraço amigo e saudoso dessa Natal de tão ricas tradições e tão hospitaleira. Sempre, o colega,

*Adelino Brandão.*

### EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-J. M. Vieira
Editor	Capa
-Moura Neto	-Emanoel Amaral
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

NATALSOL

VIAGENS & TURISMO LTDA  
EMBRATUR 08955-00-41-8

Rua Trairi (em frente ao Camarão do Olavo)  
Fone: 211-5529 - Fax: 211-2509

## Gothardo Neto

**G**othardo Neto é um dos espíritos novéis que, entre nós, alentado pela febre de amor às letras, cultivava carinhosamente a arte das rimas.

Filho legítimo do velho professor José Ildefonso Emerenciano e d. Inácia Florinda Emerenciano, nasceu o ilustre moço aos 24 de julho de 1881.

Ao iniciar a aprendizagem das disciplinas escolares recebeu do seu genitor o batismo afetuoso das mais proveitosas lições.

Auxiliado na perseverança do estudo pelos irradiantes clarões de uma inteligência promissora, vimo-lo, depois, freqüentar as aulas do Atheneu-Rio-Grandense, conseguindo ultimar satisfatoriamente o curso de preparatórios.

A exigüidade das finanças de seu honrado pai, antigo servidor do magistério público, não lhe permitiram realizar, até agora, a sua mais erguida aspiração: matricular-se, em Direito, numa das nossa preconizadas Faculdades.

Aguardando, talvez, o alborecer de melhores tempos, Gothardo Neto que, desde poucos anos, revelara um pendor natural para a poesia, talhada a feição elegante do parnasianismo, se encerrou, descuidosamente, entre paredes esburacadas de um tugúrio humilde, devorando jornais baratos,

folheando revistas casquilhas, lendo e relendo os mestres da arte florida de imagens, recamada de sonhos.

Começou, então a produzir; mas somente à sua pasta de caloiro imberbe confiara o segredo enleante de suas primeiras rimas.



Só em 1901 surgiu-nos na imprensa, marcando essa época o melhor desenvolvimento de sua aprimorada inteligência.

Aos invejáveis requisitos de poeta de largos surtos, aliara Gothardo Neto as sutilezas de um cronista fulgurante.

Os labores de seu estro hão enfeitado, quase sempre os nossos jornais.

E é certamente, pelo lampejar do talento, pelo reflorir da inspiração

que, em, volta de seu nome, paira essa aura de simpatias, formada ao influxo da afetiva popularidade estabelecida, destarte, entre o povo e um dos poetas de seus maiores gabos.

O artigo vibrátil e patriótico, a crônica saltitante e leve, o verso mavioso e fluente entram, por assim dizer, na formação da policromia de sua pena de escritor apaixonado e moço.

Pelo feitio complexo de sua personalidade intelectual, Gothardo Neto é um dos nossos consagrados beletristas.

Os vôos altaneiros de sua imaginativa, a cadência magnífica de seus versos, o carinho rítmico com que sabe apertar as pérolas da rima ao seio cristalino das estrofes, fizeram-no realmente poeta, na integral acepção desse nobre vocábulo.

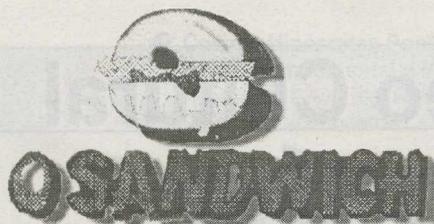
A grande verdade, porém, é que ele terá começado por onde outros, muitos outros, não conseguirão terminar.

Sejam estas linhas insulsas o brinde de honra com que, pelo seu natalício, enaltecemos o espírito iluminado e novo de um novo e iluminado boêmio, ainda desconfortadamente instalado na vida.

*Ezequiel Wanderley*

*Extraído do Livro Balões de Ensaio  
Tipografia Comercial J. Pinto, Natal, 1919.*

**No seu caminho  
sempre tem**

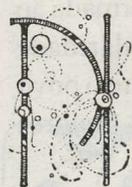


**DISK  
SANDWICH**  
236-2667  
202-2109

Segunda abre de 16:00 até 1:00h  
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h  
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00 da manhã  
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14  
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis  
Estrada de Ponta Negra, 9090  
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4

## "FOLHAS MORTAS"



os tempos longínquos do romantismo os poetas viviam unicamente para fazer versos e morriam meninos.

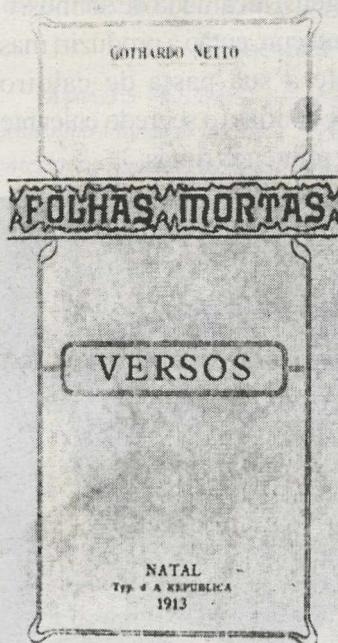
Casimiro de Abreu tinha ódio ao balcão, apontado pela autoridade paterna como honesto e fecundo meio de vida; Castro Alves arrastava pelas duas faculdades de Direito do Império uma incoercível boemia, com a qual muito pouco se harmonizavam o "Corpus Juris" e o Código Criminal. E tanto esses como outros, publicados os primeiros versos, desapareciam do mundo.

O infeliz Gothardo, irmão daqueles pela índole como pelo talento, nem sequer esperou pelo aparecimento do primeiro livro.

Os poetas dos nossos dias envelhecem quase todos calmamente, deixando porém, no maior números de casos, a lira pela política, pela "burocracia" ou pelo jornalismo.

Uma fortuna? Uma infelicidade? Os poetas poderão discutir: os outros verão nisso apenas um progresso...

Gothardo Neto não era dos nosso dias; ele foi um dos companheiros do exílio de C. de Abreu e da boemia de C. Alves nas serenatas da Paulicéia. Como esses



dois representativos da poesia nacional, sofreu longamente no corpo e no espírito, mas esses sofrimentos eram ainda agravados e sublimados pela feição doentia da alma.

Tinha uma alma torturada, propensa irresistivelmente ao exagero da dor, inclinada para o sofrimento como para um abismo, do qual a reflexão, as sugestões da natureza e da idade, e os carinhos da família o não podiam desviar.

Como outros sofredores da nossa terra, ele parecia influenciado pela sugestão de Musset:

"Après avoir souffert, il faut souffrir encore,

IL faut aimer sans cesse après avoir aimé.

(Nuit d'Août)"

"Rien ne nous rend si grands qu'une grande douleur...,

Les plus désespérés sont les chants les plus beaux,

Et j'en connais d'immortels qui sont de purs sanglots...

(Nuit de Mai)"

Essa preocupação do sofrimento transparece em quase todos os seus versos e até, por um fenômeno especial e já conhecido, são os melhores aqueles em que ela se mostra mais aguda.

Vejam-se os sonetos *Página Íntima*, *Riso e Lágrima*, *Folha Negra* e outros.

Ao lado da grande nota sofredora vibra também, com intensidade, a sensual, indicativa de um temperamento ardente que, ainda no meio dos sofrimentos, sonha com a doçura de um beijo.

Não era, todavia, um desses simples chorões, rimadores vazios que inventam dores para rimas.

Núcleo Cultural

Augusto Maranhão



72

## AUZENTE

Foste, meu Sonho, tremulo e sosinho,  
Como uma ave emigrante e fugitiva  
Que deixa os lares pelas quadras estiva,  
E em selva estranha vai ter seu ninho...

Foste... Que tenhas um frouxel de arminho  
Dessa alma ardente que te foi captiva  
E hontem buscavas, palpitante e viva,  
Para a festa do gôso e do carinho.

Mas, si um dia, como a ave forasteira,  
Voltares outro á selva hospitaleira  
A pobre selva que só tu confortas,

Verás apenas arvores desnudas,  
E as cinzas frias, solitárias, mudas,  
Des ramos hirtos e das flôres mortas.



## FOLHAS MORTAS

Folhas mortas vós sois, ó meus versos queridos!  
Folhas mortas que o vento arrabata sem norte.  
Em vós todas existe a gelidez da morte  
E a tortura infernal dos corações partidos

Folhas mortas! Vos deixo ás fufadas da sorte  
Como um bando augural de passaros perdidos...  
Sem a sombra aromal dos pomares queridos,  
Sem um raio de luz que as alente e conforte!

Folhas mortas vós sois em plena primavera!  
Debalde nos acena a ultima esperança  
E a remota visão da ultima chimera...

Em vós descubro ainda, através da saudade,  
O sonho que fulgiu na noite de uma trança  
E os dias de illusão da rosea mocidade!

Além da depressão física da moléstia que o matou, parece, por muito dos seus versos, desses que é impossível fazer de sangue frio e digerindo razoavelmente, que ele tinha com efeito um grande amor, mas da temível categoria dos amores formidáveis e ferozes, que tiram a energia do indivíduo, embotam-lhe a vontade, inutilizam-lhe a inteligência, empolgam-no, subjugam-no por completo, tornando-o fundamentalmente incapaz de outra coisa que não seja desejar e sofrer.

E, com tal sentimento, é muito provável que não haja meio termo: ou a conquista, a posse, com o novo surto da inspiração e da capacidade de trabalho, produzindo obras cada vez mais perfeitas e mais altas, como só as podem fazer os que amam e têm um grande amor sobre que se apoiem - ou a morte.

Talvez a segunda parte do dilema apressasse a de Gothardo.

Os versos que compõem o presente livro têm, como todos os produtos da primeira mocidade (Gothardo morreu com vinte e poucos anos) fraquezas e incongruências próprias dessa idade que não gosta de refletir muito, de limar e polir o trabalho feito e que, assim, revela muitas vezes a pressa da execução. Aqui e ali encontram-se imagens abstrusas, comparações imperfeitas, um ou outro verso metricamente incorreto.

Percebe-se também algumas vezes com demasiada clareza a influência das leituras, como, por exemplo, a de Castro Alves no soneto "Meu Canto", que traz à lembrança o "Ahasverus" do poeta baiano.

Emprega quase exclusivamente o soneto, forma caprichosa e difícil que, ainda sendo perfeita, torna-se monótona quando enche um livro.

Mas ao lado desses defeitos

da idade, há nas *Folhas Mortas* uma alma de verdadeiro poeta, que sente e sabe dizer o seu sentimento.

Sonetos como *Ouvindo-a Cantar*, *Templo da Vida*, *Ausente* e outros, além dos já citados, são quase perfeitos de forma e são sentidos, têm poesia. Um simples versificador de talento não poderia fazê-los.

Sem dúvida, se um pouco mais vivera o nosso infelizmente patricio, não publicaria em livro talvez a metade desses versos, ou os remodelaria inteiramente. Morto, porém, apesar das imperfeições, esses sonetos serão conservados com a memória de um grande e infeliz talento poético, do qual todos esperavam muito.

### Antônio de Souza

Prefácio do livro *Folhas Mortas*. Tipografia de A República, Natal, 1913.



**HIPÓCRATES**  
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1ª E 2ª GRAUS)  
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul  
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio  
Alameda das Mansões, s/n - Candelária  
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra  
Ensino Fundamental e Médio  
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do  
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294  
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947



# Canto da Ema

## Papoula

Música de Deolindo Lima

Rosa lasciva, tímida rosa  
De corpo frágil, marmóreo seio...  
Tua fragrância misteriosa  
Dizem que mata, mas eu não creio.

Teu nome inspira canções serenas,  
Vive nas rimas as mais facetas...  
E's pura imagem das Julietas,  
Doce retrato das Madalenas.

Quanta blasfêmia por essas ruas,  
Se ostentas livre teu colo ardente,  
Na alta beleza das formas nuas,  
Gloriosamente, gloriosamente....

Bem como ao fruto da lenda antiga,  
Buscam-te as aves pelo caminho...  
Ah! Que a volúpia não te persiga,  
Que só te entregues a um passarinho.

Roupas discretas e embalsamadas,  
Formosas rendas, eu vos maldigo!  
Deixai que eu veja seu corpo amigo  
De rijas carnes idolatradas...

Dizem que matas, mas eu não creio  
Dizem que és falsa, papoula ardente;  
Dá-me o veneno que tens no seio  
Para que eu viva perpetuamente...

Gothardo Neto

## Ironia da Sorte

O mundo é sempre assim: a desgraça e a ventura,  
O esplendor da grandeza e a miséria sem nome;  
Uns cativos da sorte, a perecer de fome,  
Outros, da sorte a rir, na pompa e na fartura.

Aqui – se exalta o Vício ao fulgor de um renome,  
Além – doira a Virtude a consciência pura;  
Se este implora a Jesus que lhe acalme a tortura,  
Aquele nutre o mal que o devasta e consome.

Treva e luz: uma afronta ao lado de um carinho,  
A serpe a profanar a maciez de um ninho  
E a alvorada da paz e o tripúdio da guerra.

E quando a alma procura a eterna Soledade,  
Bem feliz o que deixa um clarão de saudade,  
E um vestígio de dor a palpitar na Terra.

Gothardo Neto

## Minha Campa

Quero-a entre moitas de rosais. Ao fundo,  
Triste cruzeiro humilde e suplicante,  
Onde venha pousar o mocho errante  
Cantando, à noite, a dor do moribundo.

E ao pé da lousa como um ai profundo,  
A luz crepuscular do céu, distante,  
Deixem cair o orvalho fecundante  
Dos olhos virgens que adorei no mundo.

Seja um soturno e calmo isolamento  
Onde, por noites longas de amargura,  
Soluce a treva ao palpitar do vento...

Junto – o cipreste um funeral cantando,  
Na lousa – o nome da saudade escura  
E um serafim de mármore chorando.

Gothardo Neto

### Formação da Chapa da Eleição e Reeleição das novas dignidades, realizada na Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos para o biênio 2000 / 2001.



Provedor	-	Mário Bernardo de Souza
1º Secretário	-	Maria José Barbosa da Silva
Orador Oficial	-	Cláudio Augusto Pinto Galvão
Colaborador	-	Eloi de Souza Costa
Vice-Provedor	-	Estácio Cavalcante
2º Secretário	-	Flórida Caldas de Oliveira Ricardo
Vice-Orador	-	Eurides Bezerra Pinheiro
2º Colaborador	-	Luiz Gomes Teixeira Filho
Pres. Previdente	-	Dr. Gorgonho Regalado de Medeiros

#### Conselheiros

Francisco Batista de Araújo  
Mário Mousinho Pereira  
José Azevedo de Góis  
Claudenor Câmara da Silva  
Francisco de Assis Dantas  
Luis Severo da Silva

#### Conselho Fiscal

Antonio Silva  
Severino Lucas da Silva  
João Raimundo Filho

## Movimento Literário



para despertar o mais fervoroso entusiasmo em quantos se entregam às lides literárias em nossa terra, o lisonjeiro movimento de efflorescência intelectual que se vai operando atualmente. E sirva isto de emulação e consolo aos obreiros da grandeza e do renome pátrios, cujos labores, perenes e valiosos, se procura a todo transe amesquinhar.

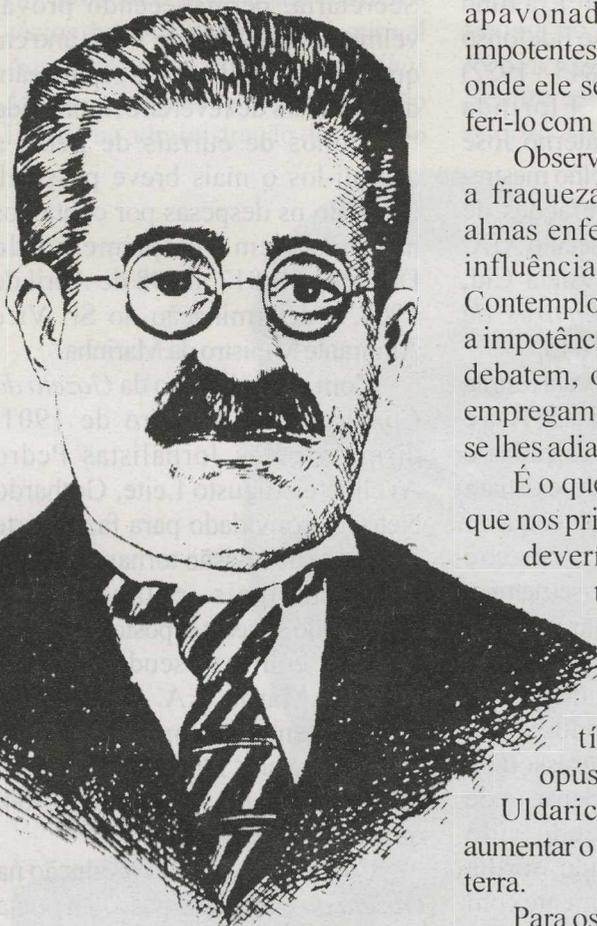
É preciso que nas almas sombrias dos incompetentes e dos zoilos, que dia a dia nos cercam e nos deprimem, não se aninhe a convicção de que falecem-nos energias para combatermos a sua intolerância e a sua perversidade.

É necessário que a grande turba de espíritos maldizentes e mesquinhos que, por aí fora, vivem a expectorar banalidades contra todos e contra tudo, se aperceba de que não lhe recusamos a esmola generosa do nosso desprezo — galardão justíssimo dos nulos que não se enxergam, dos pobres parasitas sociais, dos que vivem como animais inúteis, na inconsciência do papel ridículo que representam, para degradação moral da espécie e gáudio efusivo da imbecilidade humana.

Deixemos, porém, a maledicência com toda a sua arrogância e fatuidade, e lancemos um olhar observador sobre o estado atual de nossas letras. Não têm tido uma aplicação desvantajosa entre nós, de certos tempos até hoje, o talento e a boa vontade dos que estudam e pensam. Além do grande número de obras literárias que já oferecem, aos olhos mais exigentes, uma prova incontestada da nossa evolução mental, o aparecimento de outras, não menos valiosas, para breve se anuncia.

H. Castriciano, um talento dos

mais robustos e cultivados do Norte, tem no prelo as suas **Vibrações**, cujo valor artístico e literário nos



aguardamos para apreciar dentro em pouco. Talvez este ano, aparecerá o **Tísico**, romance talhado pelos mais amplos moldes e escrito com a largueza de vistas peculiar àquele nosso talentoso conterrâneo. Admira, porém, que, quando mais o vigoroso poeta das **Ruínas** procura erguer a reputação literária de sua terra, alguns espíritos irrefletidos lhe emprestem qualidades estranhas ao seu caráter, formulem calúnias revoltantes para depreciá-lo perante os seus julgadores e fazê-lo talvez desanimar, como a outros tem acontecido, perante a transposição difícil de tão traiçoeiros óbices.

Acusam-no até de plagiário, de copiador de versos alheios, procuram de toda forma diminuir-lhe o mérito; mas a tudo isto é indiferente o fecundo literato, porque conhece o valor dos

seus gratuitos ofensores, porque sabe que os plagiários são outros, que, no nosso meio, certas *figuras* não passam de simples gralhas apavonadas e que muitos, impotentes para alcançarem a esfera onde ele se libra, procuram agora feri-lo com a mais indigna das armas.

Observo, cheio de sincera pena, a fraqueza moral dessas pobres almas enfermas e obcecadas pela influência perniciosa da inveja. Contemplo, da minha obscuridade, a impotência ridícula em que se elas debatem, o doloroso esforço que empregam para fazer recuar os que se lhes adiantam.

É o que se vê todos os dias e o que nos priva de sermos hoje o que deveríamos de ser há muito tempo.

Passemos adiante.

**Bandolinatas** é o título de um delicado opúsculo de versos com que Uldarico Cavalcanti tenciona aumentar o cabedal literário de nossa terra.

Para os que conhecem o talento poético desse moço a quem não há desamparado o aplauso sincero dos competentes, a sua estréia não deve passar despercebida, porque representa uma bela conquista do talento e a manifestação simpática e promissora de um espírito robusto e privilegiado.

Não levem à conta de elogio convencional o que aí fica; não me externo com a preocupação de ser agradável ao poeta, mas sim com o nobre e elevado intento de estimulá-lo e aplaudi-lo com todo o entusiasmo de crente da mesma *seita* sublime, embora compreenda que o seu nome, como o meu e o de outros, não escapa, dia a dia, aos insultos da maledicência.

**Gothardo Neto**

Extraído da revista *Oásis*, Ano X, nº 3,

Márço de 1903.

## Gothardo Neto,

**J**osé Gothardo Emerenciano Neto nasceu em Natal, na antiga Rua da Palha, aos 24 de julho de 1881. Era filho do professor José Ildefonso Emerenciano (1845 – 1922) e Inácia Florinda Emerenciano. Seu avô paterno José Gothardo Emerenciano, velho mestre-escola, ensinou várias gerações de potiguares em meados do século XIX. Pela avó materna, Ana Vilela Cid, descendia de alguns *Mártires de Uruassú*, de outubro de 1645.

Passou sua infância na Natal restrita aos primitivos bairros da Cidade Alta e Ribeira, de poucas ruas calçadas e iluminação incipiente, onde existiam botequins feitos de palha de coqueiro vendendo gengibirra, capilé, doce seco e alfinim, gozo da meninada do seu tempo.

Depois de se alfabetizar com seu pai, professor Zuza – que tomara posse como professor municipal no ano de 1869, aposentando-se em 1908 – Gothardo Neto ingressou no Atheneu Norte – Riograndense onde cursou humanidades tendo sido “excluído por indisciplinado” no dia 28 de maio de 1899, juntamente com seu irmão Montano e Teodorico Guilherme, voltando depois para concluir o curso secundário.

Um fato pitoresco ocorrido nessa época se deu quando os estudantes resolveram homenagear o Dr. Pinto de Abreu, diretor da Instrução Pública, ofertando-lhe um presente no dia do seu aniversário. Ao chegar a vez de Gothardo Neto assinar uma contribuição, escreveu apenas esta quadra:

“Eu que a verdade não minto  
e que respeito o seu brilho  
Pra festas do doutor Pinto  
Assino um litro de milho.”

Iniciou em companhia de alguns contemporâneos a colaboração nos pequenos jornais litéros-trocistas, fundando *O Eden* (1897) em companhia de Pedro Mendes, além de colaborar em *O Estudo* (1898 – 99) e *Miscelânea* (1898 – 99) do qual era secretário.

Concluído os preparatórios e sem recursos para alcançar seu grande objetivo, cursar uma Faculdade de

Direito em outro Estado, Gothardo Neto empregou-se na Capitania dos Portos onde exerceu interinamente a Secretaria, permanecendo provavelmente até o final de 1905, ano em que assinou Edital da repartição, datado de 08 de fevereiro, intimando “os donos de currais de peixe a demoli-los o mais breve possível, correndo os despesas por conta dos mesmos”, em cumprimento do Decreto nº 4.817, de 08 de Abril de 1903, e determinação do Sr. Vice Almirante Ministro da Marinha.

Com o surgimento da *Gazeta do Comércio* em outubro de 1901, dirigido pelos Jornalistas Pedro Avelino e Augusto Leite, Gothardo Neto foi convidado para fazer parte da equipe de revisão tornando-se um dos principais colaboradores escrevendo sonetos e, posteriormente, crônicas com os pseudônimos de Cláudio Marne e A. de Chartes, permanecendo no Jornal do qual se considerava um “filho espiritual” até o final do primeiro semestre de 1904, quando pediu demissão.

Concomitante a sua produção na *Gazeta do Comércio* passou o poeta a colaborar em diversos órgãos dirigindo *O Álbum*, em 1902, que mantinha “redação e oficinas” em um imóvel localizado na esquina da Rua Voluntários da Pátria com a Rua Cel. Cascudo, no bairro da Cidade Alta.

Por essa época conheceu Gothardo Neto uma jovem de nome Maria Mercedes, oriunda do interior do Estado, que residia na mesma rua do poeta, 21 de Março, atualmente denominada Rua Gonçalves Lêdo. Abandonada pelo antigo “noivo” que a seduzira, Maria Mercedes tornou-se a musa cuja fonte de inspiração perene era marcadamente sentimental.

Profundamente apaixonado e recebendo pressões do meio provinciano que não aceitava seu relacionamento, Gothardo Neto passou a levar uma vida desregrada, pernoitando na casa da namorada depois do encerramento do trabalho noturno na *Gazeta do Comércio*, fazendo com que, muitas vezes,

faltasse ao expediente da Capitania dos Portos na manhã seguinte.

Atendendo constantes apelos da família e dos amigos do poeta, Maria Mercedes o abandonou no dia 14 de fevereiro de 1903, levando-o a uma profunda mágoa e refugiando-se no álcool que o fez adoecer seriamente em 1908, quando havia sido convidado para exercer a função de redator cultural do Jornal *A Capital* fundado naquele ano por Juvenal Antunes, Galdino Lima e Honório Carrilho, no qual colaborou ativamente.

No dia 12 de fevereiro de 1903, em sessão ordinária do “Grêmio Le Monde Marche”, Gothardo Neto foi aceito sócio efetivo juntamente com João Gualberto Machado Tinôco e Barôncio Guerra.

Sua Primeira colaboração na revista *Oásis*, órgão do Grêmio, foi o soneto *Meu Livro* publicado no número 2, fevereiro, seguido do artigo *Movimento Literário* no número 3, março, encerrando sua participação no número 4, abril de 1903, com o soneto *Sempre!*; até ser eliminado da classe de sócio efetivo juntamente com Pedro Amorim, incursos no artigo 43 dos estatutos da agremiação, após sessão extraordinária realizada no dia 20 de junho de 1904, sob a presidência de Alfredo Carvalho, cujo teor da reunião foi publicado no número 6, junho do mesmo ano.

Depois da sua saída da *Gazeta do Comércio* e do “Le Monde Marche”, Gothardo Neto entrou em um processo de apatia só interrompida quando assumiu em julho de 1908 a direção do quinzenário *O Potiguar*, órgão da “Oficina Literária Lourival Açucena”, tendo como secretário Ferreira Itajubá, além de contar na redação com seu irmão Antônio Emerenciano, Ivo Filho, Jorge Fernandes, Angione Costa, Ponciano Barbosa, João Estevão Gomes da Costa, Josué Silva, dentre outros.

Já abalado pela doença e sem sair de casa o poeta recebia

## uma vida de poesia

diariamente os sócios da “Oficina” deitando numa rede armada na sala da frente onde balançava-se puxando por um cordel. Ali era escolhido o material a ser publicado no Jornal *O Potiguar* transformado em revista *Potiguar* a partir de janeiro de 1910, sendo distribuída mensalmente.

No período de 1901 a 1911, Gothardo Neto colaborou em diversos órgãos destacando-se *A República*, *A Capital*, *Gazeta do Comércio*, *O Potiguar*, *O Potengi*, *Oásis*, *O Torpedo*, *O Trabalho*, *O Sertão*, *Pax*, *Almanaque de Macau*, *O Elétrico* – escrevendo com o pseudônimo Pantaleão Bodoque e o *Arurau* onde mantinha com o pseudônimo de Zé Fidelis uma sessão denominada *Semana em Ceroula*, “alfinetando”, de vez em quando, o seu amigo Ferreira Itajubá que “indignado” se dirigia à residência do poeta e “ao defrontá-lo tinha invariavelmente esta exclamação:

— Mas Seu Gothardo!... como é que você me espinafra assim (ele empregava outro verbo que não pode ser escrito) assim?

Rindo, sem mais se alterar, respondia o interpelado:

— Não foi nada, caboclo, foi em confiança, foi em confiança. O velho foi ao mercado comprar peixe para almoçarmos.

Cessava o incidente até nova piada. Iam ler versos, molhar o bico, enquanto chegava a hora da refeição. Nunca houve entre os dois a menor rusga”?

Apesar de dirigir dois periódicos – *Potiguar* e *O Sertão* – sem sair de dentro de sua rede, Gothardo Neto vivenciava um intenso cenobitismo provocado pelo isolamento voluntário e os sofrimentos da doença; vindo a falecer no dia 7 de maio de 1911, às 14:30 horas, sendo sepultado no cemitério do alecrim às 7 horas do dia seguinte com grande acompanhamento.

A Banda de música do Batalhão de Segurança foi cedida pelo comandante Lins Caldas, executando uma marcha composta pelo maestro José Borrajo, tendo discursado no cemitério os Srs. Ivo Filho, pela

“Oficina”, Manuel Seabra, pelo “Grêmio Augusto Severo” e Dioclécio Duarte pelo “Centro Acadêmico”.

Dois anos após a sua morte os sócios da “Oficina Literária Lourival Açucena” organizou o livro *Folhas Mortas*, publicado pelo Governo do Estado na administração de Alberto

respectivamente.

Em 1935, um grupo de jovens fundou o “Grêmio Literário Gothardo Neto” que editou durante algum tempo os periódicos – *Grêmio e Potiguarânia* – dirigidos por João Seabra de Melo, Hélio Galvão, Aluizio Alves, Antônio Soares Filho,



Maranhão, através dos incentivos da Lei nº 145, de 06 de agosto de 1900; servindo o resultado da sua venda para a construção do seu túmulo “com um serafim de mármore chorando” como pedira ele no soneto *Minha Campa*.

Várias das suas composições foram posteriormente musicadas, destacando-se: *Ao Luar e Canção*, por Olímpio Batista Filho; *Aria Tristonha e Palavras de um Trovador*, por Heronides França; *Papoula e Versos d'alma*, por Deolindo Lima e Virgílio Carneiro,

Raimundo Nonato Fernandes, I. Bolshaw, Ascendino Almeida Júnior, Anastácio Silva e Arnaldo Nolasco.

Com a fundação da Academia Norte-Riograndense de Letras, em agosto de 1936, Gothardo Neto foi escolhido Patrono da Cadeira nº 24 ocupada inicialmente por Ivo Filho, seguido de Antídio de Azevedo e que teve como último ocupante o Acadêmico Antônio Soares Filho, falecido no ano de 1996.

João Gothardo Dantas Emerenciano.

## Onda intermediária da Rádio Poti

Aquele grande espaço aberto no Diário de Pernambuco do dia 27 de novembro de 1951, sobre Natal, no Rio Grande do Norte, me chamou a atenção em Recife, porque, geralmente, esses grandes jornais só abriam, e continuam a só abrir espaços generosos para Estados, ditos pequenos, quando a notícia é notícia de morte, desastre ou assombramento.

Mas, ali a exceção. A notícia trazia festa, assunto verdadeiramente sensacional e que caberia muito bem divulgar. Ou seja, tratava-se de noticiar a inauguração da onda intermediária da Rádio Poti, em Natal, e este era o título: "Inaugurada a onda intermediária da Rádio Poti", em letras garrafais, para que ninguém deixassem de ler.

E contava tudo. A inauguração da onda intermediária da Poti, operando na frequência de 4.935 quilociclos. Como festa de histórico significado na sociedade, atraiu para Natal as atenções do mundo artístico e, particularmente, do Nordeste. Em peso.

A Rádio Poti comemorava dez anos de funcionamento e para bancar festividades resolvera instalar, com o aval de Chateau, poderoso transmissor. A rádio mostrava-se assim digna da preferência do povo potiguar e ciosa de suas responsabilidades, presenteava seus ouvintes, e por extensão relevava a importância do Rio Grande, com a aquisição do novo e potente

transmissor, que daria expansão ao seu raio de alcance.

A veterana emissora alcançaria, a partir daquele dia, todo o Nordeste, sem tirar nem pôr. Do



Maranhão até a Bahia, era só ligar o rádio e lá estaria no local exato, a voz amiga da Rádio Poti, sua melhor amiga. E se atrevia até a ir mais longe, furando o raio de ação, e ser ouvida em alguns outros pontos fora do Nordeste. Acreditasse quem quisesse.

Com a presença do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, carismático Diretor-Presidente das Emissoras Associadas, do industrial

Olavo Fontoura, do Sr. Governador Dr. Sílvio Pedroza e outras personalidades destacadas, a festa começou.

D. Marcolino Dantas, bispo de Natal, procedeu a benção do transmissor e às novas instalações, e oradores se fizeram ouvir, destacando o significado do investimento.

Compareceram representações das Emissoras Associadas do Nordeste, da Rádio Tamandaré, o xodó de Chateau, da Rádio Borborema e da Ceará Rádio Clube. A embaixada do Recife, da Tamandaré, chefiada pelo Diretor-artístico Almeida Castro, e integrada pelos produtores Severino Barbosa e Fernando Luiz. E cantores Ernani Dantas e Carlos Tavares, radialista Maria Célia e pelos humoristas Canelinha e Cláustenes. De Campina Grande, a ZYO-7 enviou representação de destaque, como também a Ceará Rádio Clube.

As festas inaugurais da onda intermediária da Rádio Poti, prosseguiram por uma semana, com a presença de grandes cartazes do rádio brasileiro, fazendo a alegria dos ouvintes natalenses, e constituindo-se acontecimento artístico-cultural, que monopolizou as atenções de todo o Brasil nordestino de culturas várias.

Era a glória!

*Afranio Pires Lemos*

**Offset**  
GRÁFICA

Fone/fax: 222-5248  
Av. Duque de Caxias, 209 - Ribeira  
59012-200 - Natal/RN



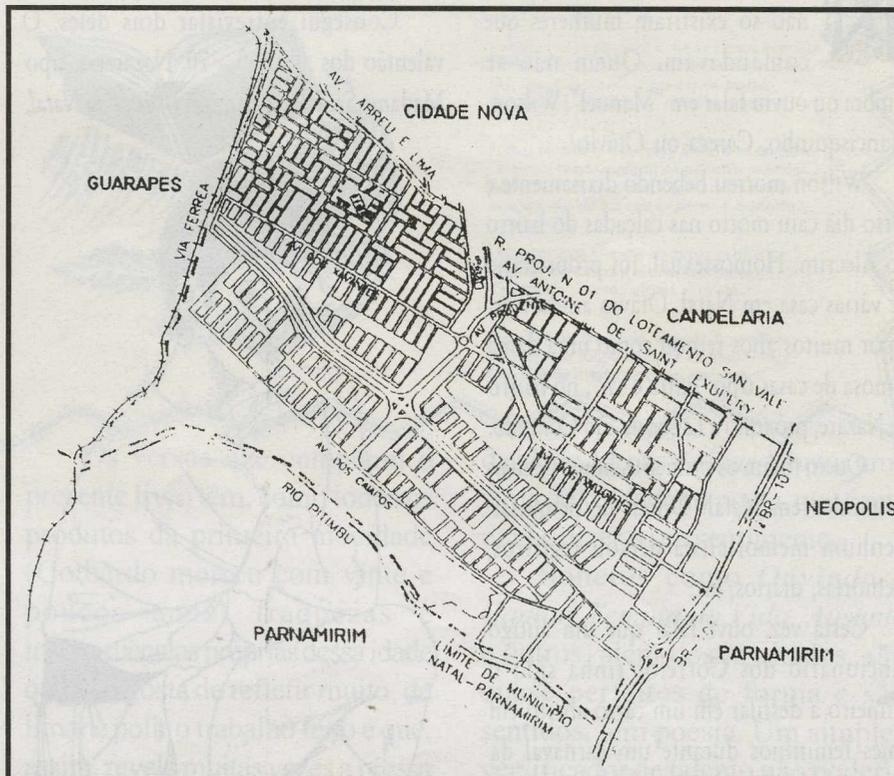
**-UNBEC-**  
**COLÉGIO MARISTA DE NATAL**  
*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -  
130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-  
<http://www.natal-marista.com.br-natep>  
[@natal-marista.com.br](mailto:@natal-marista.com.br)

# Pitimbu

**P**arte das terras que compõem o bairro de Pitimbu pertenceram à viúva Machado, proprietária nos Guarapes e que na década de 60, integravam o loteamento Reforma, o maior de sua época, pertencente ao empresário Gerold Geppert.

As terras onde se encontra o bairro Pitimbu receberam em 1983 o conjunto residencial Cidade Satélite com três etapas construídas, perfazendo um total de 3.545 residências. Segundo o Instituto de Orientação às Cooperativas – INOCOOP este é o grande destaque dentre os conjuntos construídos pela Cooperativa. É considerado o maior já erguido por uma cooperativa habitacional na América Latina, e foi projetado pelo arquiteto pernambucano Acácio Borsoi, escolhido pelo Banco Nacional de Habitação. Este, no entanto, é apenas um dos conjuntos instalados no bairro, que hoje engloba outros, como Vale do Pitimbu e Bancários (1983), com um total de 5.2000 unidades. Em 1984, o Arcebispo Dom Nivaldo Monte designou o Padre Zildamir para cuidar do rebanho católico do bairro. A meta era criar uma paróquia, o que veio a ocorrer por



decreto do Bispo D. Alair Vilar em 30 de setembro de 1988, tendo São Francisco como padroeiro. A 7 de novembro foi instalada, finalmente, a paróquia e, inaugurado, o Centro Pastoral.

O topônimo que dá o nome ao bairro, segundo Cascudo, aparece em documentos do século XVII. Vem de Potimbu, que significa água nascente, rio manadouro de camarão. É o rio que corre em seu território vindo de Parnamirim, formador da Lagoa do Jiqui. O topônimo mostra alterações através de outros escritos

dos fins do século XVII. As datas de terras concedidas em 1605 e 1606 citam o Pitimbu como sendo o Rio Guaramime ou Rio do Guaramime, nome desaparecido. Há nome homônimo em município da Paraíba – Pitimbu.

O bairro foi oficializado quando da definição de seus limites, através da Lei nº 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial do Estado em 07 de setembro de 1994.

*Paulo Venturele de Paiva Castro*

**VEREADOR**

**AQUINO**

---

**NIETO**

VEREADOR

**Juliano Siqueira**

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

PCdB

## Rasgando o véu

**N**a história dos bordéis de Natal não só existiram mulheres que comandavam. Quem não se lembra ou ouviu falar em "Manuel", Wilson, Francisquinho, Careca ou Otávio?

Wilson morreu bebendo diariamente e certo dia caiu morto nas calçadas do bairro do Alecrim. Homossexual, foi proprietário de várias casa em Natal. Otávio ainda vive, e por muitos anos reinou como uma dama famosa de casas tipo "entra e sai", no bairro de Nazaré, próximo à Lagoa de São Conrado.

Quem foram os primeiros homossexuais assumidos em Natal? Difícil de pesquisar. Nenhum memorialista deixou registros, memórias, diários, etc.

Certa vez, ouvi falar que um antigo funcionário dos Correios tinha sido o primeiro a desfilar em um carro aberto em trajes femininos durante um carnaval da belle époque natalense. Escândalos! Falatórios! Excomunhão! Afastamento dos familiares, como foi o caso do popular Velocidade, que toda a família era evangélica, o pai vereador e Velocidade, andando rápido e levando até pedradas dos meninos.

Conheci-o fazendo faxina semanal numa casa em frente a nossa no bairro do Alecrim. Velocidade faleceu nos anos 70 mas deixou fama de ter sido um dos primeiros homossexuais assumidos de Natal. Tinha trejeitos femininos, magrinho, cabeça branca, cabelos curtos, andava de calça e camisa num tempo em que a figura do travesti não havia aparecido na Natal dos anos 50 e 60. Falam ainda em outro com o

apelido de "Rosa de Ouro".

Consegui entrevistar dois deles. O valentão dos anos 60 - 70, Nazareno, tipo Madame Satã papajerimum (*Jornal de Natal*,



15/02/1993).

Na época, Nazareno era dono de um bar nas Rocas e aos poucos foi falando de sua vida e enfrentando a máquina fotográfica de Eduardo Felipe. Nazareno Barbosa do Nascimento, na época com 52

anos, 85 quilos e 1,75 m de altura e músculos de dar inveja a certos machões. Filho do pescador "seu" Manoel que deixou no mundo além de Nazareno mais 19 filhos.

A semelhança de Madame Satã (1900-1976) com Nazareno é na homossexualidade e valentia. Um no Rio de Janeiro e o outro brigando com duas "radiopatrulhas". Nazareno levou porrada, facada e até tiro. Atualmente é dono de bar na Rua Padre João Manuel.

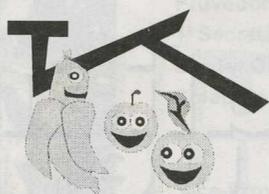
Outro que eu também consegui entrevistar (*Jornal Dois Pontos*, 08/05/1993) foi o pianista Leonardo Dantas, que relutou em falar sobre sua vida íntima e enfrentou com certa desconfiança o disparar do dedo do fotógrafo Canindé Soares. Com o seu piano, Leonardo fez sucesso entre os americanos da Segunda Guerra. Foi professor de piano. Na época em que eu o entrevistei tocava o seu instrumento musical no Hotel Casa Grande da Rua Princesa Isabel. Quando o levei para a minha coluna semanal, o editor Tácito Costa preferiu não acatar o seu apelido entre as rodas do Café São Luís - Cu de Ouro. Soube outro dia que o famoso pianista havia falecido.

Será que serão sempre tratados como jibungos, pederastas, maricas, veados ou outros jargões usados pelos natalenses dos anos 50 e 60?

Quem os retirará do esquecimento nesta cidade sem memória?

**Gutemberg Costa**

**A Ki - Tanda**



**A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES**

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax:(084)206-5612

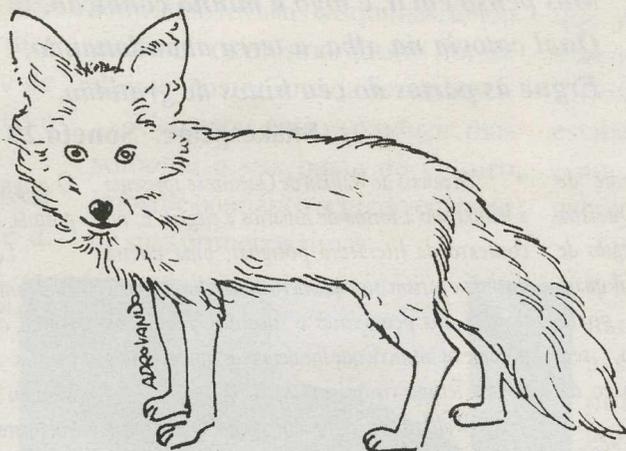
**CASA DO PEIXE LTDA**

**Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.**

**Ney Aranha Marinho Júnior**  
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

## A raposa Guararapes



**U**ma vez, Zuca estava trabalhando no curral juntando estrumo "mode" a chuva, quando avistou Pitoco que vinha num carreirão todo arrepiado.

– E o cavalo? Perguntou.

– Ficou lá pai, e eu num vou buscar mais não. O menino embezerrou.

– Peraí, falou Zuca, quem vai pegar os animais hoje sou eu. Caçou o cabresto do malino (cavalo inteiro) na cocheira, e com a corda em uma das mãos, tirou para a mata de Dionísio. Quando tinha caminhado umas trezentas braças, de repente, não se sabe de onde, duas raposas vermelhas riscaram em cima dele.

– “Foi um arripeio”.

Lembrei-me logo dos três cabelos do mofino (do satanás) que elas têm

na cauda. O que era uma corda para eu enfrentar duas raposas?

Criei coragem e entrei no mato caçando um cipó. Tive sorte com elas que sumiram na mata. Criei alma nova, mas quando andei uns vinte metros, topei-me com uma de cor cinza e bem maior do que as outras duas. Vinha no faro delas. Animal bonito, a raposa Guararapes... Gritei com ela:

– Rapooosa! Rapooosa! E foi um carreirão (da raposa). Satisfeito, entrei na mata e cerquei o malino no cabresto. Agora, a caminhada de volta e com a noite chegando. Uma nambu avoou do mato. Me veio logo na lembrança o finado Zé Mandu na lida com os homens da roça.

“Tá apressada nambuzinha?”

Não carece dizer que eu sei das

horas”. Curvava-se para frente, abria os quartos e mostrava o sol... E Chico Pelado? Coitado, mordido de raposa doida, virou um peste... Mais um pouco me veio a mente uma história de Louro:

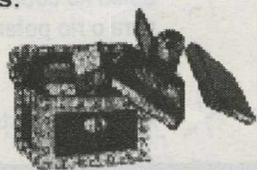
“O cachorro, que era o maior cantador da mata, certa vez, ao conversar com uma raposa, ela o aconselhou para que ele lascasse a boca, para assim, cantar ainda melhor. Seguindo o conselho, o cão rasgou a boca e nunca mais voltou a cantar. Este o motivo do ódio que os cachorros têm das raposas...”

“As lembranças vão encurtando os caminhos de nós aqui da roça.” Quando dei fé, estava pertinho do capinzal e já havia estrelas no céu...

*Newton Lins Bahia*

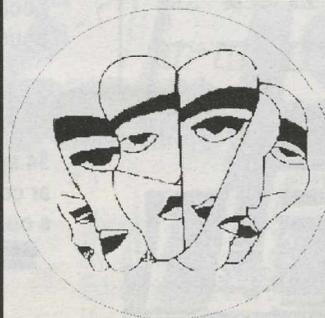
### SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros,  
discos, cd's, videos e cassetes  
usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,  
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

### Sebo Espaço 104



Vende-Compra-  
Troca de Cd's -Livros-  
Revistas

Rua Vigário Bartolomeu,  
nº 594, Sala 108 ED.Ouro  
Center - Centro- Natal/RN  
Fone: 221-3717/987-8551

## Walflan de Queiroz

*Mas penso em ti, e logo a minha condição,  
Qual cotovia na alba, a terra abandonando,  
Ergue às portas do céu hinos de gratidão.*

Shakespeare, Soneto 29



precioso nome de Walflan de Queiroz evoca os sortilégios de um poeta abissal quase secreto, um poeta elegíaco, em seu regresso ao âmago da noite obscura.

Ao construir os fundamentos da sua estética, Walflan observou o que muita gente ignora - a poesia é uma arte temporal e, como a música e o canto popular, tem raízes na imaginação, nas festas do povo, nas quermesses, carnavais e no ditirambo grego, revigorado por Nietzsche, poeta que foi também um pensador.

Walflan considerava Shakespeare o mais completo dos poetas, por causa do Hamlet, o dândi enlutado e epigramático que a seu ver é o mais completo retrato do artista, que foi e será sempre um limite entre o conhecido e o desconhecido, entre as trevas e a luz, entre a contingência e a transcendência.

Sob a égide trinitária de Poe, Baudelaire e Verlaine, Walflan exprime livremente os limites, embora nem sempre aceite o mundo circundante e se revolte contra as convenções e preconceitos apodrecidos.

Cult e popular, durante anos Walflan frequentou o Café São Luiz, onde o encontrei, ao longo de quinze anos, em diferentes estados emocionais. Destacava-se por fumar obsessivamente, segurando o cigarro entre os finos dedos trêmulos, manchados de nicotina. Olhava aos homens e as coisas com uma fixidez incômoda, a barba sempre de três dias, rescendia a café e suor. Certa vez o poeta fugiu do hospital e apareceu apenas de pijamas.

A poesia de Walflan de Queiroz se apresenta à leitura sob a forma de hinários e elegias. É, no contexto da literatura potiguar, uma poesia distinta e carismática que herda mais dos místicos do que dos pensadores e filósofos. Foram os poetas e os místicos que lhe deram os fundamentos do seu Teísmo visionário.

Walflan é a rigor um bardo, um cantor

O exigiu, pois a Deus é grata a exigência que postula, que exige o Absoluto e a Providência.

Leitor hipercrítico, elaborou o seu próprio Paideuma, segundo a lição assimilada de Ezra Pound, de quem foi, no Brasil, um dos primeiros leitores. A propósito, além de João Lins Caldas e Myriam Coeli, Walflan foi um dos raros poetas potiguares a professarem uma estética. Não escreveu



profético, um vate, um vidente, à maneira de Blake, que era, com Verlaine, Hart Crane e Baudelaire, um dos seus poetas prediletos. Oficiante de um mistério verbal, foi alguém que, como Hölderlin e Rilke, viveu entregue aos deleites e aos tormentos da imaginação.

É sabido que a arte consome o homem e subjugava o artista. No caso específico do autor de O Testamento de Jó, em seu delírio profético Walflan intuiu que de Deus nunca falamos bem e

sem fundamentos nem ignorou a alta cultura.

Nascido no cume iniciático da Serra do Camará, em São Miguel, Walflan de Queiroz parece duplamente sepultado - pela morte e pela indiferença das instituições e das pessoas que, podendo fazer por sua memória, continuam ignorando uma das vozes mais expressivas das letras potiguares.

**Franklin Jorge**



## HOTEL SOL NATAL

Localização central e a poucos minutos das praias.

Andar para não fumantes.

54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.

Café da manhã regional.

Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.

Aceitamos cartões de crédito.

**R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo**

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154  
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

## Jackson do Pandeiro, o Rei do Ritmo

Nascido em 31 de agosto de 1919 e batizado de **José Gomes Filho**, recebeu influência total de sua mãe Dona Flora Mourão, como era mais conhecida Glória Maria da Conceição, a mais requisitada “Tiradora de Coco”, das festas de Alagoa Grande, na Paraíba, que cantava e tocava ganzá, acompanhada por João Feitosa no zabumba. Aos 8 anos de idade ele pegou num zabumba pela primeira vez e passou a acompanhar a mãe nas suas apresentações.

Após a morte de seu pai a família foi morar em Campina Grande e o menino foi trabalhar numa padaria. Aos 17 anos, ele substituiu o baterista de um conjunto musical que se apresentava no Clube Ipiranga, tornando-se instrumentista desse grupo.

Na década de 40 foi morar em João Pessoa e tocou em vários cabarês até que, em 1946, foi contratado pela Rádio Tabajara onde começou a se projetar como ritimista no pandeiro. Era conhecido por Zé Jack, devido a sua figura magra lembrar o ator americano de filmes faroeste Jack Perry, e em 1948 foi trabalhar na Rádio Jornal do Comércio, de Recife/PE, adotando o nome artístico que ficaria famoso, Jackson do Pandeiro, e fazendo dupla com Rosil Cavalcanti (Macaparana/PE).

O primeiro disco gravado, pelo Selo Copacabana, foi em 1953, onde ele canta um dos seus maiores sucessos: SEBASTIANA, de Rosil Cavalcanti, juntamente com FORRÓ EM LIMOEIRO, de Edgar Ferreira.

A partir daí, já conhecido em todo o país, vieram outras gravações que se tornaram sucessos: Cabo Tenório e Moxotó (Rosil Cavalcanti); Forró em Limoeiro e 1 a 1 (Edgar Ferreira); O Canto da Ema (Aires Viana, Alventino Câmara e João do

Vale); Como tem Zé na Paraíba (Manezinho Araújo e Catulo de Paula); Chiclete com Banana (Gordurinha e

nome de Almira Castilho, sua parceira e esposa de 1956 a 1967.

Citando algumas composições suas mais conhecidas temos: Na Base da Chinela (JP/Rosil Cavalcanti); Aquilo Bom (JP/José Batista); Cantiga da Perua (JP/Elias Soares); Cabeça Feita (JP/Sebastião Batista) etc.

Muitos dos grandes nomes da MPB se disseram influenciados por Jackson, ou gravaram músicas que foram sucessos, com e do mesmo, por exemplo: Luiz Gonzaga, Alceu Valença, Caetano Veloso, Gil, Gal Costa, Geraldo Azevedo, Elba Ramalho, Trio Nordestino, Chiclete com Banana; temos, na Paraíba, um cantor/poeta que é um dos seus mais fiéis seguidores, *Biliu de Campina*, fazendo o mesmo que o Mestre fazia, a “divisão”, ou seja, dividir os versos ritmicamente usando a voz como um instrumento de percussão. Outro exemplo, da nova geração, de seguidor do mestre é Silvério Peninha, do Grupo Cascabulho, de Recife, puxando nos eRRes e eSSes.

Hoje, após 79 anos do seu nascimento, as palavras do Rei do Ritmo continuam proféticas, para os que lutam e defendem a Música Popular Brasileira, principalmente para os nordestinos, que são do Centro Cultural do Brasil:

“\_ Mesmo com a perseguição da música estrangeira, eu agüentei a barra durante 12 anos. Eu e o Luiz Gonzaga. Nunca parei de fazer gravações”.

“Sua Figura rude não sofreu qualquer transformação, de Alagoa Grande (PB), onde nasceu, ao Rio de Janeiro, onde conheceu os lauréis da glória. (Pinto Carneiro).

Amém, JACKSON DO PANDEIRO, amém!!!



Almira Castilho) e mais um rosário de boas músicas, com letras irreverentes ou não, que o fizeram conhecido como cantor, porém, ele também compunha, é que uma boa parte de suas composições o mesmo colocava em

Kydelmir Dantas

Extraído da Plaquete Os 3 Pilares da Música Popular Nordestina. Coleção Mossoroense, 1998.

# CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fone: 222-3994-  
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

VEREADOR PT  
**OLEGÁRIO**  
MANDATOVIVO



Túmulo de Gothardo Neto, no cemitério do Alecrim, vizinho ao do padre João Maria e defronte ao do poeta Segundo Wanderley

**UP** UNIVERSIDADE  
POTIGUAR

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E  
AÇÃO COMUNITÁRIA



**UnATI**  
Universidade Aberta  
para a Terceira Idade

## **UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE-UNATI 2000**

*O futuro chegou ao ano 2000. Agora, vamos nos preparar para a virada do milênio. E, para fato tão importante, a UnATI preparou algumas novidades e mudanças na sua estrutura.*

*Passamos, por exemplo, ao regime anual – o aluno fará uma matrícula que será válida para o ano todo. Haverá um curso preparatório sobre o Envelhecimento Saudável, com aulas de Psicologia, Biologia e Nutrição entre outros.*

*Reaprender a viver é o convite que como companheiros de jornada lhe fazemos carinhosamente.*

*Faça parte de uma turma onde as pessoas acreditam que sempre é o tempo de aprender.*

**Prof<sup>ª</sup> Leideana Galvão Bacurau de Farias**  
Pró-Reitora de Extensão e Ação Comunitária